



## De Réptil para Réptil

Priscila PRADO<sup>1</sup>  
Márcio Matiassi CANTARIN<sup>2</sup>

### Resumo

Muitos animais estão ameaçados de desaparecimento – não apenas pela destruição de seus habitats naturais, mas também pelo desuso das palavras que os designam. Esse risco foi detectado por Robert MacFarlane, que se propôs a prevenir essa extinção linguística mediante a publicação de um livro de feitiços. O autor fez um poema para cada uma das palavras que selecionou e propõe sejam lidos em voz alta: como um feitiço para trazê-las de volta à vida. Cada poema é ilustrado por Jackie Morris com uma aquarela em tamanho real do respectivo animal ou planta. Trata-se do livro *The Lost Words* (As Palavras Perdidas), com que autor e ilustradora chamam a atenção para as palavras e os seres por elas designados, convidando a um efetivo convívio mediante experiências imersivas reais no meio ambiente natural. Semelhante proposta faz sentido também no Brasil e sua realização não seria atingida apenas pela tradução literal dos poemas, já que os elementos de fauna e flora destacados pelos autores são, em sua maioria, exóticos a nosso ambiente natural. Considerando alcançar o propósito do livro, sugere-se sua transcrição, adaptando e transpondo ao ambiente e cultura brasileiros – oportunizando, inclusive, destaque a palavras indígenas para valorização das respectivas origens -, com vistas a promover estratégias de comunicação, educação e conservação, de modo que venham um dia a conjugar projeto semelhante com foco em fauna e flora brasileiras.

**Palavras-chave:** Ecocrítica; Tradução; Poesia; Educação; Ambiental.

### Abstract

There are many animals threatened of disappearing – not only because their natural *habitats* are being destructed, but because the words with which they are designated are no longer used. Robert MacFarlane noticed this risk and decided to take a move against this linguistic extinction by publishing a spell book. He made a poem to

---

<sup>1</sup> Priscila Prado é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL, da UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Sob orientação do professor Doutor Márcio Matiassi Cantarin.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela UNESP (2011). Professor da Graduação em Letras e da Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UTFPR e Pós-graduação em Letras da UFPR. Investigador do CLEPUL/Univ. de Lisboa

each of the selected words and suggest that they should be read out loud: like a spell to bring the words back to life. Jackie Morris has illustrated each poem with a life-size watercolour of the animal or plant. *The Lost Words* is the book with which author and illustrator search to draw attention to the words and the beings they name, inviting people to experience for real the interaction with plants and animals in the environment. Brazil is also in need of a similar effort, but it could not be achieved merely by literal translation of the poems, since fauna and flora chosen by the British authors are, mostly, exotic to Brazilian natural environment. Willing to fulfil the purpose of the original book, this work means not only to translate it, but to “transcreate”, adapt, bring it to Brazilian’s culture. This would also mean highlighting indigenous words, in order to value its backgrounds. The intention is to promote strategies of communication, education and preservation, so that, in the future, a similar project may take place focusing Brazilians’ fauna and flora.

**Key-words:** Ecocritics; Translation; Poetry; Education; Environment

## 1. Introdução

Muitos dos nomes que designam fauna e flora estão desaparecendo do vocabulário das novas gerações por estarem deixando de ser frequentados os espaços naturais em que se encontram os respectivos seres vivos, animais e plantas.

Robert Macfarlane selecionou vinte dessas palavras perdidas - que designam sementes, flores, árvores, répteis, aves, mamíferos -, para cada uma delas fez um poema em forma de acróstico e propõe sejam lidos em voz alta: como um feitiço para trazer as palavras de volta à vida. A esse objetivo se alia, como parte integrante e relevante, a ilustração de Jackie Morris em pintura figurativa realista com aquarela como técnica.

Reavivar as palavras de fauna e flora esmaecidas pelo desuso também faz sentido no Brasil. Mas que palavras seriam significativas para este objetivo? Que palavras estaríamos perdendo? Como traduzir de forma que o resultado seja significativo para o leitor brasileiro?

Muitas das palavras elencadas no original não encontram equivalente exato no meio ambiente natural brasileiro. Outras, ainda que possam ser traduzidas, referem-se a plantas ou animais exóticos, de questionável relevância em nosso ambiente natural e cultural.

Assim é que, embora encontre eco no ambiente de chegada, a mera tradução literal não realizaria a proposta norteadora do original, sendo necessário, para tanto, sua transposição ao idioma e cultura brasileiros, buscando aproveitar a magia original do livro e com ela dialogar.

## 2. *The Lost Words*: o livro, o autor, a ilustradora

*The Lost Words*, livro escrito por Robert Macfarlane e ilustrado por Jackie Morris, propõe-se a resgatar palavras que estão caindo em desuso por falta de exposição das novas gerações ao meio ambiente natural.

A estratégia alia texto e imagens visando a este objetivo em comum: as palavras perdidas são evocadas por meio da correspondente ilustração e acróstico que pretendem convocar de volta à vida a palavra - e a respectiva coisa nomeada.

Autor e ilustradora trabalharam juntos desde o princípio, por provocação dela, que teve ideia a inicial disparada pela leitura de um dos livros dele, *Landmarks*.

A natureza de que o livro trata é prioritariamente selvagem. Quanto às plantas, há excepcional menção a sua ocorrência em meio urbano.

As palavras perdidas estão em ordem alfabética. As páginas não estão numeradas, neste grande livro (37,5 cm x 1,7 cm x 27,7 cm; quase 1,5 kg) de 128 páginas, classificado como infantil, embora os autores não visem exclusivamente a esse público.

O livro teve ampla receptividade de público e crítica, tendo merecido muitos prêmios – entre eles: *The Sunday Times Bestseller*; *The Cilip Kate Greenaway Medal 2019*; *The Beautiful Book Award 2017*; e foi indicado para *The Wainwright Prize For Nature Writing 2018*. Além das inúmeras menções e resenhas elogiosas em prestigiados periódicos locais e internacionais.

A Fundação John Muir abraçou o projeto e abriga em seu site desdobramentos em várias esferas culturais bem como informações correlatas.<sup>3</sup>

*The Lost Words* tem versão em áudio-livro e em CD.

Também inspirou um álbum de músicas, *The Lost Words – Spell Songs*, disponível nas plataformas de *streaming* (*Deezer*; *Spotify*) e para compra pela *internet*. Algumas das “Canções Mágicas” podem ser ouvidas em vídeo no *Youtube*.<sup>4</sup>

O autor diz que não são poemas os poemas que faz - porque não os quer poemas: os quer feitiços capazes de conjurar à vida, pelo poder do que é dito em voz alta, as palavras e os seres nomeados.

---

<sup>3</sup> <https://www.johnmuirtrust.org/initiatives/the-lost-words> acesso em 2020-08-19 (iniciativas relacionadas ao livro *The Lost Words* realizadas ou divulgadas pela Fundação John Muir)

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCmmCD0vZd2YueMgn7cv5YjA/featured> acesso em 2020-08-19 (*The Lost Words – Spell Songs*, Canal no Youtube)

Alegar que não são poemas é parte de sua estratégia literária. E é literário o modo como mobilizou o uso das palavras, dos recursos estilísticos e a maneira de os relacionar, despertando a imaginação e provocando imersão no ambiente proposto

Seus feitiços recorrem à sintonia poética, a frequência capaz de engendrar a *poiesis*. Presentes no texto o uso de rimas (especialmente internas), ritmo, melodia, variações sobre o mesmo tema, recorrentes aliterações, reiteraões fonéticas, repetição de última estrofe (estribilho), metalinguagem, neologismos – entre outros, muitas vezes perpassados de humor.

As ilustrações do livro convidam a conhecer os seres representados, mimetizados, evocados com pintura figurativa, realista inclusive quanto ao tamanho - em escala real ou quase -, levando o leitor a sentir-se ao vivo, inserido na paisagem. Ou quase.

Sem pretensão ao rigor técnico da ilustração botânica, deliberadamente deixam transparecer o potencial de sinistro da natureza real – diferentemente da idealização frequente em obras de cunho infantil.

Há letras semeadas por entre os elementos de fauna e flora; há ilustrações quase que inteiramente compostas por tipos salpicados: letras tipográficas por entre galhos, folhas, caules; mergulhadas na água; soltas ao vento; letras na pauta dos fios que saem do poste de eletricidade. Letras à espera de germinar palavras – ou à espera de serem colhidas. Como se as letras também fossem seres vivos.

Como disse a ilustradora, “...as palavras e as imagens informaram-se umas às outras.”<sup>5</sup> (MORRIS, 2017)

## 2.1 Robert Macfarlane, o autor do texto (15.08.1976 ~...)

Robert Macfarlane é professor e escritor. Autodefine-se montanhista e colecionador de palavras. Nasceu em Halam, Nottinghamshire, Inglaterra. É casado com Julia Lovell e tem três filhos.

Conhecido por seus livros sobre paisagens, natureza, lugares, pessoas e linguagem, tais como *The Old Ways* (2012), *Landmarks* (2015), *The Lost Words* (2017) e *Underland* (2019).

Seu trabalho foi traduzido para muitos idiomas, vários de seus livros receberam prêmios diversos e foram adaptadas para cinema, televisão e rádio.

---

<sup>5</sup> “I think that the words and images each informed the other.” (Jackie Morris em entrevista no site da editora Penguin em 15.07.2017: <https://www.penguin.co.uk/articles/2017/designing-the-lost-words.html#sfhlibdg56IFTYeU.99> entrevista com R. Macfarlane e J. Morris - acesso em 2.020-08.31) Rile/Jile – An International Peer Reviewed Journal

No Brasil, a editora Objetiva publicou *Montanhas da Mente: História de um Fascínio*, em 2005 (tradução de José Roberto Shea).

Em 2017 recebeu o prêmio *The EM Forster Award* na categoria Literatura, da Academia Americana de Artes e Letras.

Também escreve sobre ambientalismo, literatura e viagens para publicações como *the Guardian, the Sunday Times, The New York Times, Granta, Archipelago*.

## **2.2 Jackie Morris, a ilustradora (1961~...)**

Jackie Morris é escritora, ilustradora e pintora.

Nasceu em Birmingham, Inglaterra, estudou na Academia de Artes de Bath e atualmente mora no País de Gales.

Escreveu e ilustrou mais de 40 livros infantis, incluindo clássicos como *The Snow Leopard, The Ice Bear, Song Of The Golden Hare, Tell me a Dragon, East of The Sun, West of the Moon, e The Wild Swans*.

Foi premiada por vários de seus livros, tanto como ilustradora quanto como autora.

Ganhadora da medalha *Kate Greenaway* por seu trabalho em *The Lost Words*.

## **3. Resgatar as palavras para resgatar a natureza**

“Não estou convencido de que as crianças precisem de nomes para precisar da natureza. (...) Mas também acredito que os nomes importam e que o modo como designamos o mundo natural pode moldar ativamente nossas relações imaginativas e éticas para com ele.”<sup>6</sup>  
(Robert Macfarlane)

A desconexão do humano em relação à natureza é ficção do esforço intelectual que a fisiologia desmente, denuncia - ou de que escarnece. Natureza que somos, precisamos de água, sol, ar livre, relações sensoriais com outros seres vivos. Porém, e inobstante patologias decorrentes, tem aumentado o afastamento e até negação do pertencimento humano-natureza.

O fenômeno não é recente e não se deve exclusivamente à era da digitalização – mas certamente se agrava com ela. Acirra-se, portanto, com a pandemia - que acelerou o processo

---

<sup>6</sup> “I am unconvinced that children need names to need nature. (...) But I also believe that names matter, and that the ways we address the natural world can actively form our imaginative and ethical relations with it.” (artigo do autor no *The Guardian*, 30.09.2017: <https://www.theguardian.com/books/2017/sep/30/robert-macfarlane-lost-words-children-nature> acesso em 2020-08-19)

de digitalização dos meios de trabalho e relação, a par de acentuar o afastamento de toda conexão natural, seja entre as próprias pessoas ou delas com o meio ambiente.

Acrescente-se as agressões e danos – deliberados ou não - que põem em risco a própria existência do ambiente natural. Como exemplo, incêndios florestais nacionais que, a cada ano, destroem maior extensão de território natural, ameaçando fauna e flora.

Recuperar as palavras que as designam como convite ao engajamento por sua preservação em concreto revela-se, agora, não apenas oportuno, mas urgente. Emergencial.

#### **4. Relação ecocrítica**

Termo cunhado no final da década de 1970 por Willian Rueckert, ecocrítica é, segundo ele, “a aplicação da ecologia e de conceitos ecológicos ao estudo da literatura” (GLOTFELTY, 1996, p. xx), tendo ganhado força no início da década de 1990, nos Estados Unidos, com a criação de disciplina universitária correlata e a da *Association for the Study of Literature and Environment – ASLE* (SLOVIC, 1999, p. 6)

Goodbody esclarece que a ecocrítica aborda natureza e espaço e examina as construções culturais relativas ao ambiente natural. (GOODBODY, 2011, p. 1)

A crítica da obra a partir dessa orientação não decorre apenas de seu caráter declaradamente ecológico, mas visa questionar, revelar e destacar aspectos teóricos sob esta perspectiva. Que imagem de natureza o texto constrói? Qual a relação entre o humano e os outros elementos da natureza na obra?

A literatura como tal, não se destina ou limita a um público específico. Antiga a discussão e permeáveis as fronteiras entre o que seja literatura infantil, juvenil, e para adultos. No mais das vezes resta catalogado como “infantil” o que adultos consideram que seria interessante para as crianças. Ocorre que nem toda a literatura “adulta” é indicada, recomendada ou, mesmo, permitida para crianças. O inverso, contudo, não se verifica: a assim chamada “literatura infantil” não é contraindicada para adultos; ao contrário, leitores adultos desvendam-lhe outras camadas de significado.

No caso de *The Lost Words*, os próprios autores sempre pretenderam comunicar-se com o público de todas as idades.

Com efeito os adultos há gerações sofrem do que Richard Louv chamou de “desordem por déficit de natureza”: cada geração já começa com expectativa diminuída de “salubridade ambiental” – o que se tornou o “novo normal” e leva à má formação da identidade do adulto

decorrente de ter sido impedido à criança o convívio e livre exploração de espaços naturais. Isso poderia ser parcialmente suprido pela literatura de temática correlata que criaria uma espécie de “memória protética” (cf. Landsbeg), capaz de evitar parcialmente o que Kahn chamou de “amnésia ambiental geracional”. (*apud* BUELL, 2014, p. 16 e 17)

Neste mesmo artigo, Buell destaca estatísticas científicas, em diferentes habitats e culturas, demonstrando a importância da presença da natureza na experiência das crianças, bem como a correlação entre a criatividade excepcional de adultos e o fato de terem tido vivências ao ar livre na infância. Aliás, o contato com a natureza, ainda que apenas imaginário – como o proporcionado pela literatura -, já teria o condão de um impacto positivo na formação da identidade. (BUELL, 2014)

Habitar não mais como ocupar, dominar, explorar, mas como relação, interconexão, cooperação, pertencimento. Habitar o seu local como parte da consciência do pertencimento planetário. Pertencimento não no sentido de propriedade, mas sim em sentido de interdependência, de complexidade em que os elementos, vivos, são tecidos juntos numa dinâmica de influências recíprocas.

Postura ecológica que não é mera contemplação: não como observador que de fora contempla mas como um sujeito integrado, que faz parte e que, de dentro, percebe: atenção-percepção que emprega todos os sentidos, todos os sensores físicos que engajam a presença no ambiente e tornam possível a relação com o outro que, então, deixa de ser mera abstração.

Reconhecer animais e plantas em sua alteridade: o que os particulariza dentre os seres vivos, caracteriza-os e distingue dos humanos, atribuindo-lhes valor próprio, e não apenas na medida em que parecem - ou que os fazemos parecer - humanos, ou seja, sem querer antropomorfizá-los em substituição a dominá-los.

A abordagem de *The Lost Words* corresponde a essa perspectiva, valendo mencionar algumas amostras: o acróstico em primeira-pessoa da hera (*ivy*); o manifesto da gralha (*magpie*); a autoafirmação do corvo que, só ele, sabe bem quem é (*raven*).

Nem engenho nem poder político nem arte: a única coisa capaz de engendrar castanha é árvore – sintetiza Macfarlane no poema *conker* (*Aesculus hippocastanum*).

A razão, enraizada na percepção sensorial, compreende que os paradoxos são apenas aparentes. Só estando presente e consciente de si pode-se perceber o ambiente e o outro para com ele entrar em relação. Conhecendo e percebendo os valores de seu próprio ambiente e

cultura, pode-se perceber, conhecer, respeitar os valores culturais do outro - elementos tecidos juntos compondo a teia da complexidade, dinâmica, viva.

## 5. Traduzir um livro que convida à relação

“Não é dos textos literários que aprendemos,  
mas através de nosso engajamento com eles”  
Roman Bartosch

O livro convida à relação com o texto, com a imagem, com o contexto, com nossa própria imagem de nós – com o outro, com a natureza, com nossa própria natureza. Estamos diante da literatura como função da relação, despertando interesse, convite a conhecer, promovendo consciência de pertencimento.

Como estabelecer vínculo sem estabelecer relação? Como estabelecer relação com o que não se conhece, com o que não afeta percepções, consciência, sentimento?

Imperativa é a presença atenta, o engajamento físico na experiência, para de fato perceber o que a percepção detecta. Presença sensorial e consciente do sujeito que, ao mesmo tempo – num aparente paradoxo -, deixa de lado sua pessoalidade para reconhecer a presença e existência autônoma de outro ser vivo – humano ou não. Distinção e reconhecimento do outro que, tal como eu mesmo, é. E tem direito a sua própria identidade, respeito, dignidade.

Embora não imprescindível à relação, a linguagem é um de seus instrumentos; e o modo por excelência à disposição de nossa espécie, inclusive para a *autopoiesis* - como indivíduos e como sociedade. (MATURANA, 2001).

Como pensar algo para o que não temos palavra? Para que haja reflexão, pensamentos, raciocínio, precisaremos de palavras. A riqueza do léxico está diretamente relacionada à capacidade de pensar. Também, portanto, à de comunicar, comunicar-se, relacionar-se.

Será a digitalização (tecnologia, como tal, em si mesma, neutra) a vilã pela situação de alheamento de que somos o sujeito?

Os autores não se limitam a acusar ou lamentar-se: adotam uma postura ética-estética, atuando concretamente para valorizar e convidar à vida. Sua estratégia é a literatura ilustrada.



## 6. Tradução como relação

A leitura é sempre uma tradução (STEINER, 2005) – e a tradução, uma peculiar forma de leitura. Quando menos pela singular perspectiva em que o tradutor está inserido culturalmente, seu próprio repertório lógico, semântico, léxico, gramatical, a tradução é literatura; e mais: “tradução de textos criativos será sempre *recriação*.” (CAMPOS, 2004, p.14)

Sendo a comunicação, desde Babel, tão impossível quanto imprescindível, a tradução impõe-se e pressupõe o reconhecimento da alteridade: o outro cuja singularidade é irreduzível e inalcançável – acrescido de uma predisposição ética para o escutar. A tradução será, assim, processo que concretiza a relação em um espaço-tempo, na dimensão ética dessa convivência, desse *ethos*.

**Ética** Todo o ato humano ocorre na linguagem. Toda ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro. (MATURANA, 2001, p. 269)

Decorre uma responsabilidade em si mesma, ética inerente ao âmbito mesmo da relação.

Atentar ao outro não é apenas aceitar, aceder, receber; a atenção ao outro é uma atividade. (...) À diferença dessa compreensão transitiva e fortemente egótica – em que o outro não se configura senão como objeto do eu –, a noção de responsabilidade para Lévinas implica, já de partida: ‘un pour autrui’. (...) ...entendido, a partir dessa perspectiva, como uma forma ativa de atenção e de escuta que funda a noção de responsabilidade para o outro. (CARDOZO, 2008)

A diferença não gera desigualdade, não implica em negatividade, mas sim responsabilidade: ética da diversidade, que impõe reconhecer ao outro (humano ou não) – e a mim mesmo – sua/nossa alteridade.

A tradução, assim, não se limita e nem mesmo se realiza com a mera transposição palavra a palavra de um idioma a outro.

A bolota (*acorn*) que germina e transforma-se em carvalho é tema do primeiro poema-acróstico-feitiço do livro, convidando a conhecer aquela semente, aquela árvore, aquela realidade. A mera tradução, contudo, não realizaria a proposta original do livro: “bolota” e “carvalho” não pertencem ao ambiente natural brasileiro; não são palavras que perdemos.

Dente-de-leão, samambaia, hera – outras das palavras que Macfarlane pretende resgatar, poderão fazer sentido para o público brasileiro.

O original também faz referência a elementos de cultura popular, quadrinhas infantis - peculiaridades que precisariam ser transpostas para se aproximar do leitor brasileiro, proporcionando-lhe enraizamento em seu próprio ambiente natural, cultural – e em si mesmo para, então, poder reconhecer as intercessões e distinções que caracterizam o outro - e com ele se relacionar.

Consideremos, a título de exemplo, a parte final do poema da lontra (*otter*): “Já sonhou ser uma lontra? Aquele / super subaquático relâmpago, aquele / tufão cintilante? // Vai pra beira do rio, sonha-lontra, tire / a pele e mude de matéria, vista / outra forma: lontra – e entre / agora como lontra, sem vacilo, dentro d’água.”<sup>7</sup> (MACFARLANE, 2017)

No Brasil ocorrem duas espécies de lontra: lontra (*Lontra longicaudis*) e ariranha (*Pteronura brasiliensis*).<sup>8</sup> Mas, considerando a imensa diversidade da fauna brasileira, seria esse animal dos mais representativos ao objetivo do resgate proposto?

Cascavel, cobra-verde, coral, jararaca, jiboia, surucucu, ... – com tantos representantes nacionais em risco de resvalar para o esquecimento, alguns ameaçados de extinção (grau vulnerável a crítico), por que atizar a víbora europeia (*adder*), única por lá e inexistente aqui? Eis a tradução literal do poema de Robert MacFarlane, “Cobra”<sup>9</sup>:

Um pedaço de corda ao sol quente da tarde  
uma casca curva, um oito, um seis:  
pois cobra é o que como cobra se aquece.  
Entranhada nas urzes, enrolada no junco,  
afundada, no inverno, por entre as pedras:  
pois cobra é o que como cobra se esconde.  
Slides de dardos, de diamantes,  
ondulante onda senoidal,  
fio elétrico sinuoso e vivo:  
pois cobra é o que como cobra desliza.  
Eco de serpente, de si mesma escapa,  
um espectro deixado para trás:  
pois cobra é o que como cobra muda.  
Farfalhar de grama, súbito sussurro,  
o que o olho não vê:  
pois cobra é o que como cobra se esquiva.

<sup>7</sup> “Ever dreamed of being otter? That / utter underwater thunderbolter , that / shimmering twister? // Run to the riverbank, otter-dreamer, slip / your skin and change your matter, pour / your outer being into otter – and enter / now as otter without falter into water.” (OTTER, *Lost Words*)(traduzi)

<sup>8</sup> de acordo com o *site* [www.meioambiente.uerj.br](http://www.meioambiente.uerj.br) (acesso em 08.2020)

<sup>9</sup> “A hank of rope in the late hot sun; a curl / of bark; a six, an eight: / For adder is as adder basks. // Deep in Heather; coiled in gorse, sunk among / the winter stones: / For adder i sas adder hides.// Darts, diamond slides, sine-waves swerves, / live-wire curves of force: / For adder is as adder glides.// Rustle of grass, sudden sussurs, what / the eye misses: /For adder is as adder hisses.” (ADDER, *Lost Words*) (traduzi)

Rile/Jile – An International Peer

Reviewed Journal

Buscando coerência com estes argumentos e contexto é que se propõe, exemplificativamente, a transposição do réptil britânico do livro *The Lost Words*, da cobra *adder*, para um correlato réptil brasileiro, a integrar o rol de “As Palavras Perdidas” que, em português do Brasil, queremos ver preservadas – o “Jacaré”:

É o bicho que dorme  
com o olho entreaberto:  
pelo sim, pelo não,  
melhor não chegar perto.  
Se ele dorme acordado,  
ou se está bem desperto,  
tarde vai descobrir  
o que for descoberto.  
É de poucos amigos  
- só o que cabe na boca  
pra limpar o serrote:  
passarinhos espertos.  
Outros, de qualquer porte,  
de saudosa memória,  
já viraram petisco  
alimento digesto.<sup>10</sup>

Aliás, muitos dos animais e plantas brasileiros mantêm os nomes que lhes foram atribuídos pelos povos originários. Portanto, conjurá-los à vida pode também ser uma forma de lançar luz sobre a respectiva etnia e a questão indígena em geral.

É o caso de “jacaré” que, em tupi-guarani, significa “bicho que dorme”.

## 7. Relação entre palavra e imagem

A representação por imagens e palavras são importantes na constituição do imaginário individual e coletivo. Os elementos da natureza são importantes símbolos de uma região, de um país, elementos que o identificam e singularizam dentre os demais lugares.

De que modo diferentes modelos e representações da natureza influenciam as estruturas materiais do mundo? Biosemiótica, em termos gerais, é uma disciplina que examina processos de signos, significados e comunicação dentro e dentre organismos vivos. A crítica biosemiótica pode ser definida como o estudo da literatura e outras manifestações da cultura humana com ênfase na compreensão biosemiótica de que a vida é, em seus níveis mais fundamentais, organizada de acordo com processos simbólicos.<sup>11</sup>(MARAN, 2014, p.31)

---

<sup>10</sup> “Jacaré”: poema original de Priscila Prado, proposto como transposição do réptil inglês ao brasileiro.

<sup>11</sup> “In which ways do different models and representations of nature loop back to influence the material structures of the world? Biosemiotics, described in the most general way, is a discipline that examines sign processes, Rile/Jile – An International Peer

As lembranças estão “relacionadas ao repositório de imagens e ideais que constituem nossas relações sócio-culturais”, afirma Goodbody, salientando o papel da literatura no registro e reconfiguração das memórias também no que tange a questão ambiental: “revisitação e reconfiguração intertextual de tropos, narrativas e imagens desempenha papel central na constante reformulação das percepções públicas da natureza e do meio ambiente. Figurações de memória com foco em lugares servem como veículos particularmente importantes de comunicação e redefinição do entendimento de nossa relação com o ambiente natural.”<sup>12</sup>(GOODBODY, 2011, p. 59 e 60) (tradução minha)

Sim, as imagens têm relevante papel para registro nas memórias individual, social, cultural. Um exemplo curioso: gerações de brasileiros pensam que gambás têm uma charmosa lista branca em toda extensão superior do corpo, como os desenhos da *Disney* levaram a crer. Isso, porém, não é verdade para o espécime nacional – e o equívoco o coloca em perigo, já que o gambá brasileiro mais parece uma ratazana.

## 8. Conclusão

Não se trata apenas da questão de existir também no Brasil determinado elemento de fauna ou flora, mas também é importante considerar o caráter de sua representatividade como elemento simbólico de um outro país. É o caso da bolota do carvalho (*acorn*); da víbora europeia (*adder*); da flor *bluebell* (*english bluebell - Hyacinthoides non-scripta*): destacados pelo livro *The Lost Words* e que são emblemáticos da Inglaterra e da Europa.

Uma tradução que leve em conta o propósito do livro, deverá considerar com atenção estes aspectos.

Qual é o pássaro brasileiro que tem ‘ouro’ no nome para que o convidemos a aspergir dourado pó mágico sobre as ilustrações, coadjuvando na magia de trazer de volta à vida as palavras?

---

meanings and communication in and between living organisms. Biosemiotic criticism could be defined as the study of literature and other manifestations of human culture with an emphasis on the biosemiotic understanding that life is, down to its most fundamental levels, organised by sign processes.” (traduzi)

<sup>12</sup> “This process of intertextual revisiting and reconfiguring of tropes, narratives, and images plays a central role in the constant reshaping of public perceptions of nature and the environment. Figurations of memory focusing on places serve as particularly important vehicles for the communication and redefinition of understandings of our relationship with the natural environment”

Em *The Lost Words* essa missão coube ao europeu *goldfinch*<sup>13</sup>: “É contado em dourado – o dourado dos *goldfinches* que voaram por suas páginas esparramando mágica – e não traz poemas e sim feitiços de muitos tipos que podem, simplesmente pela velha e forte magia de serem ditos em voz alta, despertar sonhos e canções, e invocar as palavras perdidas de volta à boca e ao olho da mente.”<sup>14</sup> (MACFARLANE, 2017) (tradução minha)

Não, as imagens não são as coisas representadas mas, ao menos desde Magritte<sup>15</sup>, explicitamente nos convidam a pensar – a pensar sobre elas próprias, sobre as coisas representadas e sobre a relação entre ambas. Fazemos isso através das palavras:

É possível descobrir e promover discursos que encorajem relações mais harmoniosas com os animais e o mundo natural, Apesar de os discursos alternativos serem, ainda, representações, eles podem proporcionar uma ‘imagem de uma realidade profunda’ (nas palavras de Baudrillard) ao invés de um ‘simulacro’, e estimular os leitores a interagir mais diretamente com o mundo natural simplesmente por incentivá-los a erguer os olhos da página e ver o mundo de um modo novo. Em outras palavras, os discursos têm o poder de apagar os animais ou trabalhar contra as forças do apagamento.<sup>16</sup> (STIBBE, 2012, p. 4) (tradução minha)

Há relevância em tocar os sentidos para tocar a consciência e fazer registro como memória. Palavra e imagem fazem um convite para a imersão na experiência real, para a relação em concreto no ambiente vivo. A imersão na natureza convida a nomear – e vice-versa: nomear convida a trazer de volta à vida. O livro em questão faz isso deliberadamente.

Sua proposta também é pertinente no Brasil atual, em que as agressões ao meio ambiente tornam cada vez mais urgente a adoção de estratégias de comunicação, educação e conservação da fauna e flora nacionais.

Nesta direção o intuito da transposição do livro *The Lost Words*, de Robert MacFarlane e Jackie Morris, para o português e cultura brasileiros: impedir que se apaguem as palavras contribuindo para que não se apaguem os seres por elas designados.

---

<sup>13</sup> literalmente, “passarinho de ouro”: *Carduelis carduelis*, o pintassilgo ou tentilhão.

<sup>14</sup> “*It is told in gold – the gold of the goldfinches that flit through its pages in charms – and it holds not poems but spells of many kinds that might just, by the old, strong magic of being spoken aloud, unfold dreams and songs, and summon lost words back into the mouth and the mind’s eye.*”

<sup>15</sup> referência à obra de 1.929 do pintor René Magritte, *La Trahison des Images* (A Traição das Imagens) vulgo *Ceci n’est pas une pipe* : Isso não é um Cachimbo - sob a imagem de um.

<sup>16</sup> “...it might be possible to discover and promote discourses that encourage more harmonious relations with animals and the natural world. Although alternative discourses are still representations, They could provide ‘an image of a profound reality’ (in Baudrillard’s terms) rather than a ‘simulacrum’, and encourage readers to interact more directly with the natural world simply by encouraging them to lift their eyes from the page and view the world in a new way. In other words, discourses have the power to erase animals or work against the forces of erasure.”

## 9. Referências

BUELL, Lawrence. Environmental Writing for Children: A Selected Reconnaissance of Heritages, Emphases, Horizons. In: **Oxford companion to ecocriticism**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

CAMPOS, Haroldo de. **Tradução como criação e como crítica, em metalinguagem & outras metas**. 1ª ed. 1967. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. Tradução, apropriação e o desafio ético da relação. In: Oliveira, Maria Clara Castellões de; Lage, Verônica Lucy Coutinho (Org.). **Literatura, crítica, cultura I**. 1.ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008. v. I, p. 179-190.

GLOTFELTY, Cheryl. Literary studies in an age of environmental crisis. In: **The ecocriticism reader, landmarks in literary ecology**. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

GOODBODY, Axel. **Sense of place and lieu de mémoire: A Cultural Memory Approach to Environmental Texts in Ecocritical theory: new European approaches** / edited by Axel Goodbody and Kate Rigby. University of Virginia Press, 2011

MACFARLANE, Robert. **The lost words: A spell book**. Ilustrações: Jackie Morris. UK: Penguin Books, 2017. Canada: House of Anansi Press Inc., 2018.

\_\_\_\_\_. **The old ways: A journey on foot**. UK: Penguin Books, 2012.

MARAN, Timo. **The Oxford handbook of ecocriticism**. Editado por Greg Garrard. Pub. impressa: 08.2014 Pub. online: 03.2014 DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199742929.013.008

MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

SLOVIC, Scott. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. In: **ASLE News**, Spring, 1999. p.5-6. Disponível em: [https://www.asle.org/wp-content/uploads/ASLE\\_Newsletters\\_Spring99.pdf](https://www.asle.org/wp-content/uploads/ASLE_Newsletters_Spring99.pdf). Acesso em 2020-08-28.

STEINER, George. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Curitiba: Ed. UFPR, 2005. Trad. Carlos Alberto Faraco.

STIBBE, Arran. **Animals erased: Discourse, ecology, and reconnection with the natural world**. Middletown: Wesleyan University Press, 2012.

### Outras referências consultadas

\* <https://www.johnmuirtrust.org/initiatives/the-lost-words> acesso em 2020-08-19 (iniciativas relacionadas ao livro *The Lost Words* realizadas ou divulgadas pela Fundação John Muir)

\* <https://www.theguardian.com/books/2017/sep/30/robert-macfarlane-lost-words-children-nature> acesso em 2020-08-19 (artigo no jornal The Gardian sobre o livro The Lost Words)

\* <https://www.youtube.com/channel/UCmmCD0vZd2YueMgn7cv5YjA/featured> acesso em 2020-08-19 (The Lost Words – Spell Songs, Canal no Youtube)

\* <https://www.penguin.co.uk/articles/2017/designing-the-lost-words.html#sfhIibdg56IFTYeU.99> acesso em 2.020-08.31 (entrevista com R. Macfarlane e J. Morris)